Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 7 - edição 18 - Junho 2022

Casarão das Artes

Mestre Conga: memória viva do samba de Belo Horizonte

por Naiara Rodrigues

CHICA DA SILVA

Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

É com muita satisfação que a Canjerê chega à sua 18ª edição. Resistência em manter ativa uma publicação voltada para a cultura negra, considerando as manifestações no Brasil e no exterior. Em tempos de ataques à cultura e principalmente de ataques ao povo negro, seguimos com este trabalho que trata do registro e da preservação das muitas narrativas que não encontram eco na mídia hegemônica; um trabalho que prioriza contar histórias relevantes de pessoas do nosso tempo, de toda uma vasta e rica produção cultural negra de diversas linguagens.

A matéria de capa assinada por Naiara Rodrigues é sobre o grande Mestre Conga, artista cuja trajetória se confunde com a história do samba e do carnaval em Belo Horizonte. Salve!

Na seção África, falamos da forte presença da cultura Bantu na cultura brasileira, especialmente na música. A seção Literatura traz os versos do poeta moçambicano José Caveirinha. Na Gente da Canjerê, apresentamos os talentos dos jovens Raisla e João, filhos da nossa querida amiga e colaboradora Cida Santos. Empreendedorismo é parte das estratégias de permanência e crescimento do povo negro do Brasil e a Seção Negócios traz um bate-papo com Carina Brito, criadora da Maria Rosa Butique, por Sandrinha Flávia. O Olhar Social apresenta o trabalho do jovem rapper Soul XX e contamos ainda com uma entrevista do escultor Edney do Carmo Silva.

Salve a arte, a comunicação, a ancestralidade e a esperança em melhores dias.

Boa leitura.

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG.

Foto:
Flavio Charchar

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Edição 18 - Junho de 2022

SUMÁRIO

p6 Entrevista
Edney do Carmo Silva: Inspiração, essencialidade e requinte na arte barroca

p18 Matéria de capa
Mestre Conga: memória viva do samba de Belo Horizonte

p24 África
A influência e importância da cultura Bantu em Minas Gerais

p26 Ensaio
Para ai ter a Santíssima Senhora Louvada: teimosias e resistências, do Arraial dos Pretos à capital dos brancos

p10 Comportamento
Cabelo, negritude e atitude

p12 Canjerê
Na retomada das presenças físicas das pessoas nas artes pretas

p14 Gente do Canjerê
Raisla e João

p16 Olhar Social
Sou Xx, de alma aberta para o mundo

p22 Negócios
Movida pela paixão por moda afro, Carina Brito criou Maria Rosa Boutique, marca que traz história e ancestralidade

p29 Cultura - Literatura
Quero ser tambor

p30 Cultura - Música
Pelos celebra 20 anos de estrada com novo disco que vai além do Rock

p31 Cultura - Imagens
Iconografia afro-brasileira: um olhar atento à negritude

p32 Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Foto da Capa:
Mauricio Costa e Gi Oliveira

Colaboraram nesta edição:
Anderson Cassimiro, Alexsandro Trigger, APCBH, Cleonice Silva, Consuelo de Abreu, Eryxson Fonseca, Flavio Charchar, Gi Oliveira, Jornal Por Dentro de Tudo, Marcos Hermes, Mauricio Costa , Léia Tavares, Luiz Naveda, Oregon State University (CC), Paulo Lacerda FCS (7), Spotify, Studio Beco (Ronald Kwesi), Riotur, Thijs Boom, Valdir Santos

Matéria de Capa

Mestre Conga: memória viva do samba de Belo Horizonte
Naiara Rodrigues

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editor
Roger Deff

Repórteres
Moisés Mota, Sandrinha Flávia e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Rua Augusto de Abreu, 219
Bairro Boa Vista
31070-410 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 99339-2795
artesdocasarao@gmail.com

Casarão das Artes

ENTREVISTA

Edney do Carmo Silva

Inspiração, essencialidade e requinte na arte barroca

Cleonice Silva

Jornalista. Formada pela Universidade Federal de Ouro Preto

Foto: Cleonice Silva

Impossível não se encantar com as obras produzidas por Edney do Carmo Silva em seu ateliê mediante a grandiosidade e riqueza de detalhes presentes nas peças. Nesta edição, ele é o entrevistado para falar sobre seu trabalho.

Como foi seu primeiro contato com a arte?

Sou filho de marceneiro. Em minha casa, sempre teve madeira, ferramentas de corte e formões, principalmente. Então, foi muito fácil iniciar porque não precisei comprar nada de materiais; meu pai me cedeu as ferramentas, madeiras e me instruiu, na medida do possível, sobre os primeiros cortes e como afiar as ferramentas. A partir daí as coisas foram acontecendo.

De onde vem tamanha inspiração?

Minha inspiração foi o contexto histórico das obras do barroco mineiro. Morando em Mariana, sempre convivi com a produção artística, até mesmo porque sempre frequentei as igrejas católicas onde estão concentradas as obras desenvolvidas pelos artistas do barroco mineiro. Então ficava observando bastante todo aquele complexo de obras, onde cada ponto me chamava mais atenção que outro, tanto na relação das esculturas e imagens sacras, quanto nos ornamentos que as compõem, altares, arremates nas paredes laterais e os púlpitos. Isso foi me dando essa linha de inspiração e recriação para os dias atuais.

Edney, você tem alguma obra preferida?

Toda linha de trabalho tem uma história específica, todas têm uma valorização notável no meu consentimento de produção artística, desde a primeira até a última que finalizei. Cada uma agrega uma história, um ponto específico, para quem foi feita, quanto tempo exposta, tempo empenhado, as habilidades e técnicas apuradas. Tudo conta.

Além de escultor, você também é entalhador e policromista. Se especializou em algum curso direcionado para seu ramo?

Fiz uma linha de estudos na UFOP, na verdade foram cursos de extensão sobre história da arte, barroco mineiro e barroco brasileiro. Então, me embasei nos termos teóricos para ter exatamente a ideia histórica do trabalho a ser desenvolvido. Tudo é um trabalho de estudo com inspiração no barroco mineiro e agregado com a necessidade da atualidade.

Como a imaginação ganha asas para criação das peças?

Faço de acordo com meu gosto quando é uma composição de peças para o ateliê. Imagino a decoração feita numa parede, numa bancada que venha atender a necessidade de alguém, junto com as linhas do barroco mineiro e vou desenhar as peças com as devidas proporções.

Ao longo desses anos expondo seu trabalho, considera alguma feira ou exposição como a mais marcante?

O número de pessoas que consigo abranger num evento determinado é o que realmente me marca. Em termos de abrangência, destaco a feira de arte e artesanato (FENEARTE) na cidade de Olinda, Pernambuco. Maior feira de artesanato da América Latina, com pessoas do Brasil e do mundo inteiro expondo produtos. Um referencial. Em média, mais de 250 mil pessoas que têm interesse em arte e artesanato fazem visitas em 12 dias de feira. É uma questão totalmente relevante para o meu trabalho e para quem se interessa em trabalhar com o tema..

Como são divulgadas suas obras?

Me concentrei numa profissão em que conseguisse ampliar o meu showroom, a identidade do que é meu trabalho, uma linha que desenvolvi por conta própria. Não tive ajuda financeira de ninguém.
Quando iniciou a era digital – na verdade comecei antes dela – logo vi algo de interessante que pudes-

Foto: acervo do artista

se fazer, profissionalmente falando, e criei um site e redes sociais. Como aqui é uma cidade pequena e as pessoas vão demorar para chegar, através de site e redes sociais a gente consegue expor fotos do que já produziu, os clientes veem e podem focar no que tem de melhor na região.

Por que escolheu trabalhar com a madeira cedro?

O fato de trabalhar com Cedro é justamente em função de ser uma madeira utilizada pelos artistas do Barroco mineiro. No entanto, a grande utilização desse tipo de madeira fez com que a escassez se tornasse óbvia.

Você faz trabalhos incríveis reutilizando a madeira. Como surgiu essa ideia?

Foi minha própria inspiração de trabalho a reutilização desse tipo de madeira.
Aqui na região, a gente não tem praticamente nada de Cedro, é difícil de conseguir hoje. Então tive uma ideia e fiz adaptação de uma técnica utilizada por marceneiros há anos, que é uma mistura de pó de madeira e cola. Usam isso para fechar algumas frestas entre uma madeira e outra. Enfim, coisas assim. Adaptei essa técnica juntando o que considerava como resíduo no trabalho, que são as lascas da madeira, e desenvolvi fôrmas de silicone. Coloco essa massa com adaptação dentro e replico meus trabalhos. Ultimamente tenho desenvolvido uma produção em grande número de querubins com tamanho padrão de 12 cm, produção semestral de 1000 peças, digamos assim. Disponibilizo nas oficinas de policromia que ofereço no ateliê, envolvendo o turismo educacional para alunos entre o oitavo, nono e primeiro ano do ensino médio que vêm visitar cidades históricas de Minas. Oficinas rápidas de no máximo 2 horas em que desenvolvemos um trabalho de policromia utilizando folha de ouro. Os alunos levam esse trabalho para casa, além da bagagem histórica que vai ficar gravada na mente deles para sempre. Consigo atender até 50 alunos confortavelmente assentados. Tenho todos os equipamentos de pintura, bancadas de trabalho e bancos para assento.

Foto: Cleonice Silva

Conta pra gente, falta realizar algum sonho como artista?

Meu sonho é parar de vender meus trabalhos e fazer somente para exposição. Um ateliê aberto à visitação para mostrar a produção artística inspirada no barroco, com as peças em fase de iniciação até as fases finais e sair para eventos mostrando essa linha produtiva.

Como a pandemia da Covid-19 impactou seu trabalho?

Fiquei com o ateliê praticamente um ano fechado. Na verdade, tive muitos contatos por redes sociais, sites e telefonemas. Já tinha mesmo que reservar um tempo para terminar as encomendas que estavam pendentes e, nesse sentido, pude me dedicar mais às encomendas.

Como profissional negro, você já sofreu opressão racial?

A priori, quando a pessoa vê o trabalho não está vendo quem fez. A figura que a pessoa tem na cabeça de um produtor de arte com trabalhos consideráveis é que seja uma pessoa de meia-idade a uma pessoa mais velha e branca, ninguém vai esperar um jovem negro fazer um tipo de produção dessa. Realmente com a responsabilidade do trabalho e com a força que o trabalho expressa, isso assusta as pessoas, mas esse surto é em função de que infelizmente houve essa subjugação do negro. Quem produziu as maiores e melhores obras do barroco mineiro e barroco brasileiro foram os negros. Então, nessa questão toda que envolve esse preconceito e esse perfil formado de um produtor de artes aparece minha cara preta lá, entendeu? Tinha 19 anos quando montei o primeiro atelier e comecei a lidar diretamente com público consumidor. As pessoas não acreditavam quando viam a força do trabalho. Perguntavam quem fazia, me identificava e repetiam a pergunta: Mas é você mesmo quem faz? É uma questão de preconceito e desvalorização da capacidade de desenvolver tal proposta de trabalho. Mas, sempre soube lidar muito bem com essa situação e a resposta sempre veio do preço do trabalho porque existe e é necessária a valorização de qualquer trabalhador Independente de cor, raça, credo ou opção sexual. Propus e sempre proponho uma resposta à altura. Prezo pela produção séria no âmbito das Artes e nunca deixei nada me afligir nesse sentido de preconceito racial.

Como você vê o reconhecimento e valorização do seu trabalho no mercado?

O meio artístico para quem tem comprometimento é uma área fantástica para trabalhar, a gente trabalha por conta mesmo, o horário a gente quem faz. Temos essa liberdade, mas temos um compromisso que não é fácil viver e desenvolver. Criei uma estratégia de produção em grande escala porque isso ajuda a valorizar o nome artístico, inclusive quando a pessoa vai conhecer o seu trabalho pessoalmente, com isso as pessoas passam a te respeitar mais e entender que não é um hobby, é realmente uma profissão. Sou um produtor de arte e trabalho com o talento que Deus me deu.

Foto: Cleonice Silva

COMPORTAMENTO

Cabelo, negritude a atitude

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG

Foto: Divulgação

Um dos aspectos mais perceptíveis do racismo é o processo de inferiorização das características que nos definem e um dos alvos preferenciais são os cabelos. O termo "cabelo ruim" é utilizado com freqüência e é um ataque que persiste de maneira naturalizada trazendo impactos negativos sobre a autoestima de crianças negras, fortalecendo uma visão depreciativa que poderá acompanhá-las pelo resto da vida. Toda a construção de beleza predominante no imaginário popular tem a branquitude como referência, o que gera questões com as quais pessoas negras têm de lidar ao longo da vida, como a ausência de representatividade e, muitas vezes, rejeição à própria imagem, já que esta não se encaixa no padrão hegemônico. Os salões de beleza afro espalhados pela cidade, com seus cabeleireiros e cabeleireiras, cumprem um papel muito importante na desconstrução dos estereótipos, na forma como nós, homens negros e mulheres negras, nos enxergamos.

A primeira lembrança que tenho de salões voltados para a beleza negra é do famoso Roger Black Power, espaço que nasceu em BH entre os anos 80 e 90 e que se notabilizou como o principal salão da época, com seus cortes afro, o que influenciou também futuros cabeleireiros. Quando tratamos desses aspectos há um componente político perceptível que vai além da estética. Os cabelos afro representam resistência às constantes tentativas de apagamento de tudo o que somos e dizem respeito à valorização da nossa ancestralidade e dos nossos corpos negros na diáspora.

Os cabelos volumosos e arredondados, chamados de Black Power, foram adotados como símbolo de luta a aceitação da beleza negra nos Estados Unidos durante o movimento pelos direitos civis naquele país, tendo a ativista e intelectual **Angela Davis** como um dos principais nomes desse período, reconhecida por ostentar uma cabeleira Black imponente, o que fazia jus à sua atuação. Por fim, o Black Power chegou ao Brasil nos anos 70, junto com a moda da soul music e do funk, nos bailes. Há quem diga que essa "moda" não trouxe junto as questões abertamente políticas que mobilizaram os negros estadunidenses, mas discordo. O que pode ser mais político do que pessoas, a despeito do racismo, assumirem como símbolo de poder e orgulho justamente os cabelos, tão constantemente atacados? Mais uma vez, não se trata "apenas" de cabelos, mas de comportamento, atitude, de ir na contracorrente da imposição de um padrão de beleza com bases européias.

Beleza e resistência

Na cidade de Belo Horizonte, outro ponto muito importante para todo este movimento de valorização dos cabelos das pessoas negras é o Salão Preto e Branco, situado na Galeria Praça 7, bem no coração da cidade. Criado pelos cabeleireiros JC, Juraci e "N" Nilmar, o salão respirava em plenos anos 90 a recém-chegada cultura Hip Hop, com seus três sócios MCs e integrantes do grupo de rap NJJC, o que já diz muito sobre o significado daquele lugar para os jovens da época, em meio a lojas de discos e a trilha sonora de Public Enemy, Racionais, Thaíde & DJ Hum e Run DMC. Há hoje, por parte da juventude negra, uma consciência muito nítida sobre o que significa ostentar tranças, blacks e afins em um país como o Brasil. Trata-se de enfrentamento ao racismo e também estratégia contra o extermínio, que não é apenas físico, é também da subjetividade. O Instituto Todo Black é Power, situado na Rua da Bahia/Centro, foi criado por Dandara Elias. Em suas falas, é perceptível sua compreensão sobre o quanto este cuidado é sinônimo de empoderamento coletivo e, para além do salão, a empresária contribui com palestras nas quais aborda temas ligados à transição capilar de mulheres negras e a autoestima intrinsecamente ligada a este processo.

Proprietário do salão Stillus D'Black, também localizado na Galeria Praça 7, região Central, Reginaldo conta que não encontrava pessoas que cortassem seu cabelo de maneira satisfatória, até que em uma conversa com Nilmar, do Salão Preto e Branco, se descobriu cabeleireiro afro. "Eu percebia que a gente tinha dificuldade em encontrar pessoas que cuidassem do nosso cabelo, por isso eu quis me aprofundar nisso, e é muito bom ver as pessoas entrarem aqui e saírem satisfeitas, felizes", conclui Reginaldo. Há todo um processo de construção, de aprendizado sobre quem nós somos e este caminho passa necessariamente por gostarmos de nós, sobre uma luta antirracista que passa por resistirmos culturalmente.

Angela Davis
Foto: Oregon State University (CC)

Na retomada das presenças físicas das pessoas nas artes pretas

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

No dia 28 de dezembro do ano passado, na sede da Casarão as Artes, que se situa na Casa Canto, comandada pela diretora executiva do Casarão das Artes, Cida Santos Badu, foi lançada a 17ª edição da Revista Canjerê! Em função dos protocolos relativos aos cuidados por causa da Covid-19, reunimos poucas pessoas para gravar o encontro da equipe e de poucos convidados.

Nas páginas da edição, apresentamos muito do protagonismo das mulheres negras, a começar pela matéria de capa com a sambista, compositora e deputada, Leci Brandão. O evento foi regado com muito samba e as participações musicais do músico Marcio Santos e do Dj Leo Olivera.

O registro foi feito por meio de audiovisual e está à disposição online pelos canais do instituto Cultural Casarão das Artes e no Facebook da Revista Canjerê:

https://www.youtube.com/watch?v=_o2Qcd1VpsA

Em março, a nossa equipe esteve na cidade de Matozinhos para visitar o Museu Afro - Ojú Aiye - cujo significado é Olhos do Mundo. O local é de grande relevância, pois apresenta uma parte da história da escravização de pessoas que muitas pessoas desconhecem, principalmente, a nova geração.

O espaço foi criado por Benedito Martins que morreu em 2006. Descendente de escravizados da Nigéria, ele nutria o sonho de criar o museu com as peças que pertenciam a sua família e que resguardavam parte dessa história de luta. Seu filho, Walice Carvalho, cumpriu o desejo do pai ao desvendar para a população de Matozinhos esse importante e significativo acervo.

O espaço possui diversos artefatos da época da escravidão. Wallice fez toda a construção do acervo a partir de uma vasta pesquisa de campo, reunindo réplicas de documentos, fotos e mapas da rota transatlântica que trouxeram os escravos para a região de Mocambo que pertence à cidade de Matozinhos.

Foto: Jornal Por Dentro de Tudo

No dia 26 de março, o Casarão das Artes abriu o projeto Canjerê que, como ocorre desde 2016, recebe o nome de Canjerê Mulher. A edição deste ano foi um pocket show com a rapper Tamara Franklin, uma das potências femininas do hip-hop nacional. Ela esteve acompanhada pelo DJ Pooh e apresentou o repertório do disco Fugio - Rotas de Fuga pro Aquilombamento. Foram feitas, durante a performance, intervenções que trouxeram à tona a Natureza Matrigestora do Hip Hop, discutindo a importância desta cultura à luz do Mulherismo Afrikana.

O Canjerê Mulher deste ano foi na Casa das Poesias, um espaço no bairro São Paulo, cuja gestão é completamente feita por mulheres. Como dizem as coordenadoras do espaço, “É uma casa de afeto, de amigas e amigos e de liberdade, onde todas e todos podem oferecer seus dons no espaço”.

A equipe da Revista esteve no Rio de Janeiro para assistir aos desfiles de carnaval, sendo que muitas escolas trouxeram o tema da cultura negra para seus enredos. A Escola Grande Rio foi a vencedora e falou sobre Exu, orixá com espírito malandro, e cruzou a avenida sem problemas de evolução e com fantasias e alegorias bem construídas. Com o enredo **Fala, Majeté! As Sete Chaves de Exu**, a Grande Rio tentou tirar da entidade a associação com coisas demoníacas.

A temática, que ainda muito repercute no Brasil e no mundo, é de extrema importância para a afrobetização de muitas pessoas sobre o universo do sagrado de matriz africana. Assunto que nos é muito caro por sermos esse país com uma forte carga da triste patologia chamada racismo.

Foram várias as escolas que trouxeram para o carnaval do Rio de janeiro reverências aos Orixás. Nessa perspectiva, o músico baiano, Carlinhos Brown, cunhou as iniciativas de “reafricanização do carnaval”. O músico dissertou mais sobre a iniciativa dessas várias escolas do Rio de Janeiro – “Ninguém fez enredo este ano. Quem fez enredo foram os orixás. Os orixás escolheram o xirê para vir pra avenida (...) Desde 1980, 1984, eu nunca vi algo tão sincronizado, ou seja, a reafricanização se impõe diante das adversidades”.

Foto: Riotur

Há cerca de 38 anos, nos arredores do bairro Silveira, na Praça 13 de Maio, acontece uma festa intitulada Noite da Libertação, o culto às Pretas e Pretos Velhos, ancestrais guias da Umbanda, festa esta reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Belo Horizonte. Estivemos na festa, que é anual, no sábado, dia 14 de maio. Centenas de pessoas celebram seus ancestrais e buscam bençãos de entidades espirituais que são mediadas por mães e pais e santo de várias nações de umbanda e candomblé. Salve as Pretas e Pretos Velhos!!!

Raisla e João

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG

Filhos da empreendedora cultural; Cida Santos; **João** e **Raisla**, respectivamente com 19 e 16 anos, se inspiram na caminhada da mãe em suas trajetórias. João é poeta e se dedica à escrita desde criança, encontrando na palavra sua expressão e ferramenta de denúncia. Raisla, por sua vez, é modelo, consciente do lugar que representa e dos desafios que estão colocados. Os dois irmãos seguem caminhos distintos, mas ambos norteados pelo amor à arte, por uma consciência racial rara para pessoas tão jovens e por uma perspectiva em relação ao futuro que têm como base os ensinamentos da matriarca. Cida, por sua vez, se descreve como alguém que ama as manifestações artísticas, o que é perceptível em sua atuação junto ao Casarão das Artes. "Eu sempre acreditei que a arte, em todas as formas, é prioridade na educação, na escola, em casa e no dia a dia, e desde que eles eram pequenos, eu incentivava. Sempre os levei aos espaços mais acessíveis, cinema, teatro, muitas vezes espaços gratuitos, e debatíamos sobre o que víamos, sobre o que escutávamos", conta Cida. A arte é uma das formas encontradas por jovens negros para traduzir e enfrentar as angústias provocadas pelo racismo, como recorda Cida ao relatar como a poesia surgiu na vida de João, o filho mais velho.

"O João começou a escrever poemas aos dez anos de idade, depois que passou por um ato de racismo na escola, e ele ficou com muita raiva quando uma menina falou do cabelo dele. Então, eu falei pra ele dar um jeito de colocar aquilo pra fora, eu estava fazendo almoço e disse pra ele fazer alguma coisa pra externar aquela raiva, um desenho, um texto, mas para não guardar aquilo dentro dele... E ele voltou com um poema que falava daquela situação, e aquele poema deu espaço a um sarau na escola, que debatia o racismo. Foi muito bonito, e isso influenciou a Raisla também", relata. Raisla, a caçula da família, assim como várias meninas negras, não se considerava bonita e hoje segue como modelo em diversos trabalhos, além de ter outros projetos para o futuro. "Eu vejo a Raisla caminhando, cheia de sonhos, estudando. Ela quer ser psicóloga. A carreira de modelo segue, apesar que de ser muito difícil em Belo Horizonte para uma menina negra, mas ela está caminhando devagar, ela gosta. Às vezes, as pessoas veem ela como uma representatividade para as meninas, mas é difícil porque tem muitas decepções nessa trajetória", reflete Cida.

Ao transitar por esses espaços de visibilidade, Raisla avalia de forma crítica como são restritas as oportunidades que jovens negras conseguem acessar. "Não vou dizer que todos conseguem, mas não é algo impossível. É difícil chegar e perceber, por exemplo, que muitas vezes sou a única menina negra nos trabalhos em que atuo", pondera, evidenciando o quanto o racismo se coloca como desafio a ser superado em diversos contextos. Ela observa também o quanto o contato com a cena cultural moldou sua família, o quanto influenciou a forma como se veem e se colocam no mundo. "Acho que a arte na minha família é algo que acaba unindo mais a gente. Eu criei uma paixão muito grande, principalmente a música; cresci em uma família que tocava de tudo e canta também e vejo muito disto em mim. Hoje percebo o quanto a arte deve ser acessível para todos porque muda a vida das pessoas de um jeito muito mágico", conclui.

Ao falar dos dois jovens, é necessário também falar da mãe, **Cida Santos**, fonte maior das aspirações de ambos. Alegre e otimista, durante a nossa conversa, pedi que ela se descrevesse, como alguém que ama a cultura, e por isso desenvolveu diversas atividades ligadas às expressões artísticas, algo que já estava no seio familiar e que ela transmite como um legado.

"Comecei trabalhando com acessórios, casei assim que tive o João e cuidei da minha mãe. E fui trabalhar no artesanato, hoje tenho um brechó com o qual monto acessórios, além de cuidar da casa. Canto, já que é um espaço de arte e de cultura. Como eu me defino? Bom, eu sou a Cida e gosto de poemas porque meu pai também era poeta", encerra.

Foto: Anderson Cassimiro

Soul Xx, de alma aberta para o mundo

Fernanda Luá
Jornalista pelo Centro Universitário UniFanor- Wyden e Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará

Sem dúvidas, a arte é um meio de transformação social. Em busca de trilhar novos caminhos, o rapper, afroempreendedor e pai de duas crianças, Soul Xx, 25, decidiu fazer música e poesia a partir de suas vivências pessoais. Esse rapper que se chama Carlos Eduardo e tem como nome artístico Soul Xx, diz que o nome surgiu quando em um determinado momento de sua vida declarava que tudo o que fazia era genuíno, fruto da exteriorização de sua alma.

Ele afirma também possuir duas personalidades, a de Soul Xx e a de Carlos Eduardo. Carlos é uma pessoa humanista que entra em conexões, que gosta de conversar, ajudar o outro, de fazer o diferente. Já Soul Xx é mais agressivo, gosta de levar a verdade em forma de trocadilho, pegar a realidade como Carlos e a transformar em arte. “Eu vivo isso, duas personalidades, onde uma se encontra nas outras 24 horas. Eu brinco com meu filho, mas preciso fazer o trampo de arte”, diz Xx.

O rapper que reside em Vila de Nossa Senhora Aparecida na região do Aglomerado da Serra – considerada a maior comunidade de Belo Horizonte, Minas Gerais – passou a transformar artisticamente o local onde está inserido. Essa movimentação surgiu em meados de 2019 quando Xx que na época possuía uma banca de salgados e cachorro-quente passou a contactar artistas locais e a mobilizá-los dando início a primeira batalha de rap do Mirante e, em seguida, a uma série de empreendimentos, todos geridos por ele como a gravadora independente Mirante Music, o Favela Cast Show, Mirante Burger, a Açaiteria Mirante e o Mirante Food. “Foi na luta, correndo atrás, comecei a focar naquilo que eu queria para vida que era trabalhar com música, com a arte e ter uma renda para minha família porque eu sabia que a arte não ia me dar dinheiro tão breve”, comenta Soul Xx.

A questão financeira na parte artística é a maior questão para o fomento e expansão das atividades realizadas e gerenciadas por ele que busca aos poucos reverter essa situação, mas até não resolver esse estado vai continuar a desenvolver e fincar as bases de cada um dos seus projetos. “Tento conciliar isso tudo pegando os pilares e sabendo o que cada instituição precisa para andar e trabalhar nessa base e consigo complementar chamando outras pessoas para desenvolver na base que criei, entendeu?

Cada projeto, cada coisa tem um direcionamento, só não tem o dinheiro, mas eu acredito que estamos direcionando e sigo firme”, afirma Xx.

Foto: Studio Beco - Ronald Kwesi

Foto: Studio Beco - Ronald Kwesi

Mestre Conga: memória viva do samba de Belo Horizonte

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Foto: Mauricio Costa e Gi Oliveira

Com origem na língua africana quimbundo, o termo "bamba" têm como significado exímio, mestre, e é muito comum no samba. Em Belo Horizonte, um nome pode substituir essa palavra: Mestre Conga. Não é possível falar da história do samba na cidade sem mencioná-lo. Aos 95 anos de idade, José Luiz Lourenço – nome de batismo – segue exalando seu carisma e a sabedoria de quem atravessou, de carnaval a carnaval, quase um século de vida.

Nascido em 1927, em Ponte Nova, Minas Gerais, ele veio ainda criança para a capital junto com os pais, morando na então Vila Brasilina (atual Sagrada Família). A sua relação com a música veio do tempo em que frequentava a Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário, no bairro Floresta, quando tinha por volta dos onze anos e desfilava usando seu uniforme branco de fitas coloridas. "O congado me pôs no caminho, inclusive meu próprio apelido vem dessa época, da molecada. Era Conga e Conguinha, porque eu e meu irmão mais novo fazíamos parte da Guarda", explica.

Ele lembra que era motivo de piadas quando passava pelo bairro. "Eles ficavam encarnando em mim e no meu irmão, a gente achava ruim, mas acabou ficando. Apelido quanto mais você acha ruim mais pega. Depois, ao invés de eu reclamar, passou a ser uma tradição", conta rindo da lembrança de infância. "Eu já fazia cultura sem saber que estava fazendo cultura", reflete.

Até que colegas de futebol e do juvenil do bairro Concórdia começaram a fazer aulas de dança. "Oh, Conga, descobrimos um lugar ótimo pra aprender a dançar, vamos lá também? Eu já tinha vontade de aprender, né, e sabe onde era? Ali onde é o hoje BH Resolve". O espaço ficava na Rua Caetés, Centro de Belo Horizonte, e se chamava A Rádio. Oferecia aulas de dança de salão, de segunda a sexta, das 20h às 23h, e bailes dançantes, nas noites de sábado e domingo, os quais Conga não podia frequentar inicialmente por ser menor de idade.

Pé de valsa

A dança foi uma nova paixão na juventude. Com a perda do pai, aos 16 anos, o adolescente acabou ficando mais solto. "A mãe, mesmo com toda autoridade, num aguentava segurar a gente", relembra Conga que era um dos dez irmãos da família. "A gente ia aprendendo, e naquela época dançava de segunda a segunda". Ele conta que juntava com a turma na porta da Rádio, e quando um não tinha dinheiro para pagar a entrada o outro completava.

"Aprendi a dançar pro meu gasto, mas a gente era menor. Sábado e domingo tinha muitos bailes em casa de família, principalmente ali no Concórdia. A gente era pobre, operário, mas caprichoso. Naquele tempo, as moças admiravam a gente mais pelo modo de vestir. Fulano tem dois ternos, fulano tem três ternos", relembra rindo.

Sempre elegante, entre as roupas favoritas de Mestre Conga estavam terno tropical azul pavão, terno casimira azul marinho, gravata branca e, quando era calor, terno de linho. "Naquela época, usava muito o terno panamá e a gente, modéstia parte, vestia bem", conta.

O centro concentrava um circuito boêmio da cidade, onde funcionavam cabarés e clubes de dança com samba, rumba, mambo, foxtrote e tango. Alguns deles como o clube Montanhês, eram de dança picotada, ou seja, se pagava por dança. "A cada dança, a bailarina picotava. Dançava uma música e picotava. Quando a dançarina ia com a cara da pessoa, ela deixava passar três, quatro músicas e dava um picote", afirma.

Ele comparecia mais no Original Clube do Barro Preto, fundado e frequentado por negros. "Não entrava sem gravata e sem paletó. Era um clube bem elegante, principalmente para nós da raça negra. O preconceito racial e social era bem maior. Hoje está mais mesclado apesar da supremacia branca", conta ressaltando que era exigido que estivessem bem-vestidos para entrar.

Ele lembra que os movimentos de ocupação das ruas foram retomados com o fim da II Guerra Mundial (1939-1945). "Até 1945, quando ainda havia Guerra, não podia ter movimento de rua, o movimento era só em clubes, depois que a guerra acabou que voltou a pipocar", explica.

O caminho para o samba

Frequentando a gafieira, Conga fez amigos que o convidaram para participar da sua primeira escola de samba, a Surpresa, criada em 1946, na Lagoinha. Depois, conhecendo amigos da Floresta, foi para sua segunda escola, a Remodelação da Floresta que surgiu de um racha na Unidos da Floresta. "Nessa época, não compunha ainda, era passista. Uns fala passista solto, outros fala batuqueiro, e aí eu fui ficando conhecido e ganhei um concurso do Cidadão do Samba, do Diário dos Associados, em 1948". Para participar do concurso, primeiro Conga passou pela

peneira dentro da escola Remodelação da Floresta – cada escola apresentava um candidato. Ele concorreu entre as 16 escolas do ano.

Conga decidiu juntar com amigos para criar a própria escola, no bairro Concórdia. Fundada em 1950, a Escola de Samba Inconfidência Mineira veio a rua em 1951 e terminou em 2010. “Foi fundada, mas incialmente sem documentação nenhuma, naquela época a gente tirava só uma licença na Polícia Central. A gente tirava e desfilava”, conta, lembrando que no ano participaram de batalhas no Floresta, Renascença e Cachoeirinha. “As batalhas eram um desfile concorrendo a um prêmio, só que na época os prêmios não valiam tanto a pena. A gente saía do Concórdia e ia lá pro Santa Efigênia pra ganhar uma taça, um troféu. Depois passaram a dar uma ajuda de custo”, explica. “A gente montava os uniformes. Bateria com calça branca, blusa vermelha e preta. Até então as escolas não desfilavam apresentando enredos”, afirma.

Revolução no Carnaval mineiro

Conga foi o responsável pela introdução do samba enredo em BH. Entre 1952 e 1954, o sambista morou no Rio de Janeiro, tendo contato com esse formato nos desfiles cariocas. “Quando eu vim, eu tinha visto os desfiles das escolas de samba de lá apresentando enredo, e aí eu vim já com essa ideia. Quando cheguei aqui, aí os colegas viram: “Conga está fazendo uma novidade lá, vamos fazer”. Aí começaram também. Nós apresentamos Tiradentes, uma outra apresentou Princesa Isabel, e aí foram apresentando sucessivamente”, relembra.

Em sua passagem no Rio de Janeiro, Conga ainda teve contato com o teatro. “Foi lá que fiquei conhecendo a turma: Solano Trindade, Abdias do Nascimento, e vários outros. Participei mais do grupo do teatro popular e folclórico do poeta Solano Trindade”, fala lembrando que pelo artista ser comunista sofria muita perseguição da polícia.

Dificuldades das escolas

A Inconfidência Mineira chegou a ser pentacampeã entre 1959 e 1963. “A escola era muito boa, tinha muitos componentes, vários diretores. Contamos pentacampeã porque teve uma época que não teve carnaval de rua, então contou com esse tempo”, diz. Ele destaca que a instabilidade das políticas públicas para o carnaval da cidade prejudicou muito o desenvolvimento das escolas. “Teve uma época que o carnaval não era oficial. Um prefeito que estava no poder fazia o carnaval, quando ele estava pra sair, ele num fazia porque estava saindo. O que entrava também não fazia porque estava entrando, e ficou aquela dança. Todo ano de mudança de prefeito não tinha carnaval. Tinha o carnaval que as pessoas mesmo faziam, mas desfile de bloco, de escola, não tinha porque não tinha investimento, não tinha ajuda”, reclama.

“Os blocos eram mais constantes porque também a despesa deles era menor. Escola de Samba tinha despesas maiores, formadas mais por trabalhadores de salário mínimo que, quando não contava com a verba da prefeitura ou qualquer outra ajuda, não conseguiam desfilar e se manter”, explica.

Compositor

Em 2006, aos 79 anos, lançou seu primeiro disco. Intitulado Decantando em sambas, o álbum contém 12 faixas autorais, com produção do amigo Júlio Coelho, pela Lei Rouanet, com músicas antigas que Conga compôs para cantar ao longo da vida. “Ele achou as composições boas pra fazer o CD; tenho outras, mas que não gravei”. Ele explica que demorou para se ver como um compositor. “Eu nem sabia que eu compunha samba. De passista solto, depois com a criação da Inconfidência Mineira que eu passei a gostar de compor. Tentei fazer uns versos, achei que deu certo e aí tomei gosto. Mas eu não tenho muita composição escrita não”, revela Conga.

Ele também fez parte da Velha Guarda do Samba de Belo Horizonte, iniciativa de salvaguarda do samba mineiro que já perdura há mais de 20 anos. Ao lembrar da Velha Guarda, lamentou a morte do amigo Juarez Araújo, por Covid-19 no ano passado. “Senti muito a morte dele, ele lutou muito pela Guarda do Samba”, rememora.

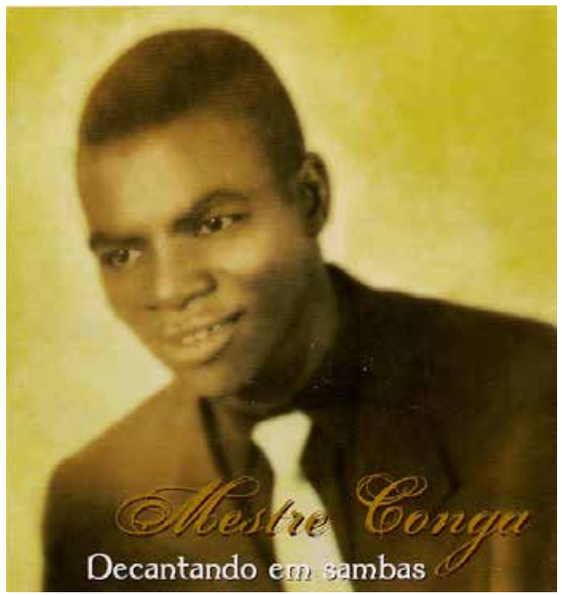
Homenagens

Sua história foi contada em um documentário, Inconfidente do samba (2013), de Francisco Matias. Em 2014, Mestre Conga também foi vencedor da primeira edição do Prêmio Mestres da Cultura Popular, realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte. A última vez em que ele pisou na Avenida, foi em 2020, quando foi homenageado, junto com outros membros da Velha Guarda, pela Associação Recreativa Unidos Guaranis.

Neste ano, no dia 2 de fevereiro, Conga recebeu a visita de amigos e familiares que fizeram um mini carnaval para celebrar seus 95 anos, com o distanciamento e máscaras, em função da pandemia de covid-19. A iniciativa foi do Coletivo Mestre Conga, formado por 60 sambistas diversificados – dirigentes de escolas de samba e blocos, donos de casas de samba, grupos de sambas, músicos, pesquisadores, com membros de todas as regionais da cidade que busca o registro do samba como patrimônio cultural de Belo Horizonte para garantir a continuidade da manifestação cultural na cidade. Atualmente, o projeto conseguiu passar uma emenda na Câmara Municipal de Belo Horizonte, por meio da vereadora Macaé Evaristo (PT), para fazer um inventário do samba de BH.

Quando perguntado sobre como se sente com as homenagens, Mestre Conga é humilde. “Reconhecimento, isso pra mim é muito confortável, é uma exaltação que fizeram com meu nome e eu só tenho a agradecer, embora eu ache que num mereço isso tudo. Mas já que quiseram me homenagear, eu me sinto lisonjeado” conclui.

Foto: Ricardo Laf



Capa do disco Decantando em Samba
2010 - Som Imagem e Editora
Disponível no Spotify

Movida pela paixão por moda afro, Carina Brito criou a Maria Rosa Butique, marca que traz história e ancestralidade

Sandrinha Flávia
Jornalista, locutora e apresentadora

Foto: acervo pessoal

Foi após participar de uma Feira Afro que Carina Brito, 42, se tornou empreendedora de Moda Afro. O seu olhar para a moda vem da adolescência quando adorava usar acessórios bem diferentes daqueles que as pessoas ao seu redor usavam.

As cores e estampas dos tecidos africanos sempre chamaram a sua atenção, e naquela tarde de domingo, na Feira Afro, Carina sentiu necessidade de ter um guarda-roupas com peças que valorizassem a sua ancestralidade. Foi assim que, em 2012, nasceu a Maria Rosa Butique, nome que homenageia a sua mãe. “O nome surgiu do meu desejo de fazer uma singela homenagem a uma mulher guerreira, batalhadora e zelosa que é a minha mãe, a Maria Rosa Brito”, relatou.

Nascida em Barão de Cocais (MG), desde a infância, viu sua mãe empreender como cabeleireira e costureira para complementar o orçamento da família, ou seja, o empreendedorismo já estava presente.

No início do negócio, sua maior preocupação era como conseguir os tecidos africanos. Foi então que conheceu uma fornecedora que trazia os tecidos de Angola, pois em Belo Horizonte (MG) não encontrava com facilidade. Com o passar dos anos, foi descobrindo outros fornecedores principalmente de São Paulo e Salvador (BA).

O investimento inicial para o negócio, foi retirado das suas economias. Na época, algumas de suas irmãs estavam desempregadas e a ideia da loja poderia ser uma fonte de renda para a família.

De posse dos tecidos africanos, percebeu que era hora de colocar a mão na massa. Carina se matriculou na aula de costura onde desenvolveu as primeiras peças. Logo após, abriu o espaço físico no quintal da casa da sua mãe em Barão de Cocais (MG). Suas irmãs se engajaram no projeto. Enquanto elas cuidavam da loja, Carina concilia a vida de empreendedora com seu trabalho como celetista na capital mineira.

Formada no curso técnico em Estradas pelo CEFET(MG), graduada em Engenharia Agrimensura e pós-graduada em Engenharia em Estradas com ênfase em Drenagem em Rodovias, atualmente é a única mulher a ocupar a função de supervisora de Topografia na Anglo Gold, empresa em que trabalha há 17 anos onde já entrou ocupando o cargo de Desenhista Cadista. “Conciliar as funções de topografia e moda é um desafio, mas eu acho muito prazeroso”, disse.

Além das coleções de fabricação própria, a Maria Rosa Butique também revende produtos de fornecedores afro empreendedores como livros de literatura negra, brincos, canecas temáticas e calçados. As peças de crochê são produzidas por sua irmã, Adriana Brito.

A empresa permaneceu durante oito meses no quintal da casa da sua mãe, até a empreendedora decidir levar toda mercadoria para o seu apartamento em Belo Horizonte onde começou a atender em casa, nas horas vagas.

Com o crescimento da procura, Carina resolveu abrir um espaço no centro da cidade. “A Galeria do Ouvidor foi o lugar mais em conta que eu achei. Adoraria abrir uma loja de porta para a rua por conta da movimentação que é maior, mas estou há quase um ano na Galeria e percebi que é importante estar lá também por ser um ponto turístico da cidade. Atendemos clientes de várias cidades do Brasil e pessoas de outros países”, disse.

Para finalizar a entrevista, perguntamos qual é o seu maior sonho, e o que a torna feliz nos negócios. “A minha maior satisfação é receber os elogios das pessoas encantadas com as nossas criações, fazer amizades e encontrar pessoas na rua usando peças da loja. É uma alegria! E o meu maior sonho é ter uma loja de frente para a rua no centro de BH. Quero comercializar mais acessórios como óculos, maquiagem, sapatos, bolsas, lembrancinhas, tudo voltado para a cultura negra”, finaliza.

Foto: acervo pessoal

ÁFRICA

A influência e importância da cultura Bantu em Minas Gerais

Marcos Antônio Cardoso

Militante do Movimento Negro, filósofo e mestre em História Social pela UFMG.
Professor de cursos livres de introdução à História da África.

Há um corpo de 2.000 línguas da África subsaariana estudadas por Bleck em 1862 e concluiu-se que em todas elas, a palavra que designa gente é muNTU (ser humano); baNTU é o plural (seres humanos). Sabemos que as pessoas que falavam as línguas proto-banto há pelo menos 3.000 anos antes da era cristã, migraram e dispersaram para a costa do Oceano Índico, para a África Central (Kongo/Angola) e o para o sul do continente. Os bantus criavam gado, conheciam a metalurgia do ferro, utilizavam embarcações que cruzavam os grandes rios da floresta equatorial, eram pescadores e agricultores que fundiram a enxada (metal).

Este conjunto de povos que habita a África Central como Angola, kongo, Gabão, Moçambique, África do Sul, Quênia, Tanzânia etc, apesar das diferenças étnicas, compartilham o mesmo tronco linguístico.

Essa base comum permitiu que muitos traços culturais e significados religiosos fundamentais fossem compartilhados entre os diferentes grupos étnicos e, embora apresentassem uma grande diversidade cultural, é possível detectar em todos eles a presença de uma única cosmologia centro-africana, espécie de substrato comum e base a partir da qual se fundamentava a diversidade de suas experiências religiosas.

O candomblé de Nação Kongo/Angola

O Candomblé de Nação encerra dentro de si grandes troncos culturais e ritualísticos relacionados às principais etnias e povos transplantados trazidos como escravizados para o Brasil: a bantu, a sudanesa nagô e a sudanesa jeje. O termo nação associado ao nome da religião foi adotado pelos seus adeptos com o objetivo de distinguir a forma de culto das divindades associado à etnia africana da qual descenderiam.

A grande maioria dos bantu dos candomblés é formada pelas nações Angola, Congo e Muxicongo, cuja principal diferença reside na língua de origem banto utilizada nos rituais. Apesar dessa diferença na língua, existe uma grande semelhança entre os rituais, o que faz com que atualmente sejam todas as nações fundidas na Nação Angola e que cultuam o deus supremo Nzambi, Nzambi Mpungu, Anganga Nzambi, Zambiapongo e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Inquices/Nkisses. Os fundamentos dos Candomblés de Nação Angola são baseados nas histórias, lendas e narrativas míticas acerca dos Inquices e são passados oralmente pelos sacerdotes da religião: Tata Nkisi (masculino) ou Mametu Nkisi (feminino).

O samba, a matriz fundadora da musicalidade brasileira?

O violino, o oboé, o acordeão, o apito, o clarim de uso militar são instrumentos musicais presentes na Africa Ocidental na região de Camarões, Mali e Nigéria e influenciaram áreas dos clãs linguísticos Bantu, conforme Kazadi wa Mukuna na sua obra “Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira”. Porém, o mais importante é a continuidade cultural bantu no Brasil por meio da organização dos padrões rítmicos e da persistência dos instrumentos musicais essenciais na base constitutiva da musicalidade brasileira, o Ngoma, os “tambores falantes” da África e o Samba, no Brasil.

Entre os instrumentos musicais da cultura Bantu, como o idiofone mbira, presentes na música brasileira, destaco o agogô tocado em toda a África Bantu, e que aqui no Brasil é utilizado na liturgia ritual do Candomblé e na orquestração rítmica das escolas de samba. Da mesma forma, o tambor de fricção, a Cuíca, muito conhecida dos bakubas, bakongos, yakas, lundas, quiocos e umbundos de Angola e incorporados às cerimônias africanas de iniciação. Enfim, sublinho a importância do mbulumumba, o Berimbau, originário de Angola, base da nossa Capoeira, o lunkomba, arco musical e o chocalho de cesto – caxixi – do povo luba no Kongo.

Foto: Eryxson Fonseca

Foto: Thijs Boom

Para ai ter a Santíssima Senhora Louvada: Teimosias e resistências, do Arraial dos Pretos à capital dos brancos

Mauro Luiz da Silva

Doutor e Mestre em Ciências Sociais; Especialização em Psicopedagogia; Graduação em Teologia e Filosofia pela PUC Minas; Graduação em História e Tutela do Patrimônio Cultural pela Universidade de Pádua/Itália. Curador do MUQUIFU – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos.

Dizem os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos do arraial e freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rei que eles têm feito à sua custa e com muita despesa [ilegível] - que sustentam e paramentam. Para aí ter a Santíssima Senhora Louvada.

(Solicitação da Irmandade dos Homens Pretos, 1807)

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU – através do Projeto de Pesquisa e Centro de Documentação NegriCidade, levantou as questões relacionadas ao Sítio Arqueológico do Largo do Rosário, território negro do extinto Curral Del Rey, arraial colonial que foi totalmente demolido no final do século XIX para dar lugar à atual capital do Estado de Minas Gerais, cidade de Belo Horizonte. No Largo do Rosário havia uma capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário e o Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. No dia 27 de abril deste corrente ano, 2022, o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte – CDPCBH – concedeu ao Largo do Rosário o Registro como Patrimônio Cultural e Imaterial de Belo Horizonte.

O processo de Registro do Largo do Rosário foi proposto conjuntamente pelo Projeto NegriCidade na pessoa do Padre Mauro Luiz da Silva e do vice-presidente do Centro de Tradições do Rosário de Minas Gerais – CETRO (Federação dos Congados) – Geraldo Antônio da Silva. Imediatamente após a aprovação da proposta, estabeleceu-se o Comitê de Salvaguarda que tem a missão de articular políticas públicas para a preservação daquele espaço tão representativo para as populações negras da capital mineira.

Foto: Alexsandro Trigger

Para compreender os processos que levaram à extinção do Curral Del Rey, partimos da observação da planta cadastral do extinto Arraial do Belo Horizonte – produzida pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) – comparada à planta da nova capital. O mapa produzido é uma superposição de dois documentos cartográficos, o que nos permite a visualização da localização do antigo arraial no contexto da nova cidade. O documento é um dos poucos registros cartográficos existentes sobre o arraial.

Desde a solicitação encaminhada a Dom João VI até a inauguração da Capela do Rosário, passaram-se 12 anos (1807 a 08/10/1819), quando o templo e o cemitério passaram a abrigar a irmandade, suas cerimônias, festas e sepultamentos. Um outro documento, de 30/08/1811, registra a Confirmação do Compromisso da Irmandade dos Homens Pretos e reafirma a autorização para que eles mantivessem até 60 sepulturas, indicando o nível de organização da Irmandade: "que o haviam pedindo além de mais concessão para na capela que edificaram conservarem sessenta sepulturas para os irmãos bem feitores" (Confirmação do Compromisso, 30/08/1811, p.1).

Localizamos outros documentos com referência à Irmandade dos Homens Pretos, elaborados pela CCNC (a partir de 1894): mapas, memorandos, correspondências, orçamentos, 672 cadernetas de campo entre outros; hoje custodiados no Museu Histórico Abílio Barreto, no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e no Arquivo Público Mineiro. Em contato direto com as 672 cadernetas de campo, o arquiteto e pesquisador Thiago Alfenas Fialho nos informa:

> *O que é possível conseguir por meio das cadernetas é a reconstituição visual, com alguma precisão, das vias no entorno do largo e do cemitério; perímetros dos lotes no entorno dessa região com a indicação de seus respectivos proprietários; perímetro de suas edificações. Também já procurei registros do cemitério, mas, infelizmente, foi pouquíssimo registrado. Adianto que não encontraremos nas cadernetas nenhum registro acerca dos corpos nele enterrados.*

Em busca do resgate da história negra do território, tivemos acesso ao trabalho do Padre Francisco Dias, vigário da Matriz da Boa Viagem de 1892 a 1902, quando registrou informações preciosas:

> *O Reinado fazia-se regularmente na primeira dominga de outubro, dia este de grande gala para os pretos, por ser o de sua festa predilecta. Nesse dia, ostentavam-se pelas ruas garbosos, e alegremente dançando ao som cadencioso de seus tambores, de seus adufes e de suas sambucas, produzindo fortes e vibrantes pandorgas – tudo em honra e louvor da Senhora do Rosário, como diziam elles. (DIAS, 1897, p. 46, 49-50)*

Com a chegada da CCNC (1894), deu-se início às obras que transformaram de forma irreversível a paisagem do arraial, quando tudo foi demolido: as antigas casas, as matas, os serviços de terraplanagem, abertura de ruas, e providenciaram a construção das novas edificações que progressivamente definiram os novos contornos e feições da cidade que nascia. A capela colonial foi demolida no final de 1897, início de 1898. A nova capela – localizada nas esquinas das ruas São Paulo, dos Tamoios e Avenida Amazonas – foi inaugurada em 26/09/1897. A atuação das irmandades do Rosário no território passou a sofrer perseguições por parte da Igreja Católica a partir da chegada de Dom Antônio dos Santos Cabral (1922). É o que identificamos no famigerado "Aviso Nº 5":

> *AVISO Nº 5 - Prohibição da festa chamada "Reinado". Ordens do Bispo Diocesano a necessidade de suprimir-se a festa conhecida pelo nome de reinado. [...] é pensamento e desejo da autoridade diocesana que desapareçam os reinados. (Aviso Nº 5. Dom Cabral; 10/8/1923)*

Em outra oportunidade, Dom Cabral faz menção aos reinados negros, quando publica uma Carta Pastoral através da Imprensa Oficial:

> *Lamentamos que não tenham ainda desaparecido totalmente os chamados "Reinados" ou "Con¬ga¬¬dos" [...]. Essas danças são indesejáveis, porque se prolongam por tempo excessivo, obrigando os dançantes a beber em demasia, donde se originam as consequências de costume (Carta Pastoral. Dom Cabral; 1927).*

Foto: Valdir Santos

Apesar das incursões de Dom Cabral contra as manifestações do Reinado, o racismo e a intolerância não causaram a extinção dos Reinados Negros no território. Tais manifestações negras sobrevivem nas periferias e favelas da cidade dos brancos, através das dezenas de guardas existentes no território. No dia 13/5/2022, o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural conferiu ao Largo do Rosário o registro imaterial definitivo. O Largo do Rosário foi inscrito no Livro de Registro dos Lugares.

Repassar parte do que foi vivido pela população negra do Curral Del Rey, e por aqueles que hoje ocupam as periferias e favelas, nos faz entender que outras searas ainda virão, que só nos resta continuar teimando e resistindo para que sejam construídos novos espaços que apresentem as histórias negras, não apenas no aspecto doloroso. Buscamos outras representações sobre nós mesmos, sobre nossos corpos e lugares para onde fomos expulsos, sobre os territórios onde teimosamente habitamos.

Hoje, após duas décadas celebrando com o povo do Reinado, que ainda chegam nas portas das igrejas, cantam o "Lamento Negro" e pedem para fazer suas homenagens para Nossa Senhora do Rosário – a "Santíssima Senhora" –, ainda não me acostumei com os olhares dos congadeiros, quando a porta da igreja começa a se abrir lentamente, quando vejo os olhares curiosos da minha gente preta, reticentes, sondando o interior da igreja, buscando pela imagem da Senhora do Rosário. Quando nossos olhares se cruzam, percebo a surpresa ao verem que o "senhor padre" de hoje também é preto, que tem suas origens ancestrais em África. Quero dizer para eles, para esse povo congadeiros, que o "senhor padre" de hoje é preto e periférico também, que sabe muito bem o que é ficar lamentando do lado de fora. O "Senhor Padre" de hoje sabe que um povo que não valoriza a sua história e não luta para manter vivas suas memórias e tradições, está fadado ao esquecimento. O "Senhor Padre" de hoje responde ao "Lamento Negro" dos Reinados:

Sê bem-vindo, Povo Negro. Vamos juntos celebrar!
Essa aqui é vossa Casa, esse Padre deixa entrar.
Vem ouvir a santa missa, vamos juntos celebrar.
Vem louvar Nossa Senhora e o Povo Negro
abençoar!

Igreja do Rosario
Foto: Acervo APCBH

Quero ser Tambor

José Craveirinha
Poeta Moçambicano

Tambor está velho de gritar
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Oh velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!

Ilustração: **Maria Luiza Viana**

CULTURA - MÚSICA

Pelos celebra 20 anos de estrada com novo disco que vai além do rock

Roger Deff
Editor da revista Canjerê, rapper, jornalista e mestre em Artes pela UEMG

Fotos: acervo da banda

A Pelos é uma das mais emblemáticas, longevas e importantes bandas de rock de Belo Horizonte. A história teve início em 1999, quando a banda, originalmente batizada de "Pelos de Cachorro", surgia no Aglomerado da Serra, periferia de Belo Horizonte.

Com identidade marcante, o trabalho da Pelos é definido pela ousadia das composições ao mesmo tempo em que encontra lugar na simplicidade do estilo. Há uma certa elegância em suas músicas, resultante das letras poéticas e o vocal marcante de Robert Frank, em consonância com a atitude urbana que a sonoridade traz. É rock, no fim das contas, mas, como poucos artistas conseguem, a banda imprime uma forma muito particular de fazê-lo, afinal como Heberte Almeida, integrante e um dos letristas da banda define "é rock feito por pessoas pretas", e essa fala diz muito sobre a proposta sonora e lírica da banda.

Com mais de vinte anos de estrada, a Pelos traz no currículo os EPs "Olho do Mundo" (2012), DVD "Pelos – Um Filme Ensaio" (2010), além do "Memorial dos Abismos" (2008) e o álbum "Paraíso Perdido nos Bolsos" (2016). O novo álbum intitulado "Atlântico Corpo" tem previsão de lançamento para 2022 e possui como tema central a presença dos povos vindos da África no Brasil e sobre como toda essa influência moldou a cultura e a forma como nos vemos enquanto povo. O novo trabalho tem produção assinada pelo músico Leonardo Marques, conhecido por sua carreira solo e por sua trajetória nas bandas Deezel e Transmissor.

O novo trabalho dialoga de maneira marcante com outras sonoridades da música negra como o soul e o afrobeat, trazendo temáticas que passam por questões raciais, o homem negro e as relações humanas.

A Pelos é formada por Robert Frank (voz, piano e guitarra), Kim Gomes (guitarra), Heberte Almeida (guitarra, piano e voz), Thiago Pereia (baixo) e Pablo Campos (bateria).

Canais: http://www.pelos.art.br/
https://www.facebook.com/pelos.arte
Ouça: http://pelos.bandcamp.com/

CULTURA - IMAGENS

Iconografia afro-brasileira: um olhar atento à negritude

Robson Di Brito
Mestre em Humanidades e mestrando em Arte pela UEMG

A questão do negro no Brasil desde a colônia até os dias contemporâneos é um dos dilemas nacionais para um país mais igualitário na pluralidade. É esperado que a academia refletisse sobre isso. Esse é o ponto central das pesquisas do acadêmico Loque Arcanjo, um homem negro de 47 anos, filho de mãe baiana, pai mineiro e único professor reconhecidamente negro na pós-graduação em artes da UEMG-MG. Foi membro da Ordem dos Músicos da Fundação Clóvis Salgado em Minas Gerais, graduou-se em História e na mesma área fez Mestrado e Doutorado, na UFMG. Sua ligação com a disciplina data da adolescência ao ganhar do pai o prelúdio Nº 01 de Heitor Villa-Lobos. Sem uma representatividade universitária, acreditou ser natural uma obra como essa, que discutisse a diversidade brasileira e dialogasse com as matrizes africanas e ameríndias.

Entretanto, essa visão de modernidade no Brasil não é algo natural. Isso porque foi formada após a consolidação da Lei 10.639, sem o arcabouço jurídico para que pudesse ter um aporte respeitável para uma vivência negra brasileira. Entender esses contornos possibilitou posicionar-se contra as desinformações que tentam impedir as representatividades negras no Brasil.

Além disso, o pesquisador atua nos grupos de pesquisa PAMVILLA na ECA/USP e no CORPUSLAB/UEMG. Seu novo projeto é a "Organização de um banco de dados de imagens e textos sobre as representações da música e dança afro-brasileira". Trata-se de um banco de dados iconográfico com uma leitura de textos de viajantes estrangeiros e análise dessa produção. É uma interpretação de outras possibilidades de visão histórica, mas também um contraponto às visões artísticas afro-brasileiras sem um viés eurocêntrico. Seu recorte temporal, no Século XIX, se dá porque o Brasil, neste momento, torna-se uma nação civilizada pela política de branqueamento. Ou seja, tentou-se apagar a negritude na formação do Brasil.

Loque Arcanjo e sua atuação nos faz compreender que olhar de frente a negritude é olhar para o terrível passado com dignidade de quem sabe respeitar e entender a ancestralidade que nos molda. Pesquisar e ir contra o colonialismo que ainda nos rodeia é um ato de coragem e resistência.

Jogar Capoeira ou danse de la Guerre
Johann Moritz Rugendas
Elementos gráficos sobrepostos Luiz Naveda

Notícias

Equipe Casarão das Artes

2ª Bienal Black Brazil Art

2ª Bienal Black Brazil Art - Pintura Digital.
Travessias e Atravessamentos, nas àguas de Oxum me defendo
Crédito: Léia Tavares

Com o tema Cartografia e Hibridismo do Corpo Feminino: Representação Visual e Afetiva, a 2ª Bienal Black Brazil Art apresenta criações de artistas contemporâneos individuais e coletivos. Pintura, escultura, fotografia, instalação, têxtil, videoarte e performance são algumas das categorias em exibição. Apresentações, oficinas e talks serão exibidos ao longo dos seis meses do evento. A programação iniciou em janeiro e segue até 18 de julho. A mostra, com cerca de 250 obras de mais de 100 artistas, reúne obras selecionadas pela chamada pública do evento, artistas convidados do Brasil e exterior, e trabalhos e projetos de duas residências internacionais produzidas ao longo de 2021, RAVC (Brasil/Uruguai) e Incorporare (Brasil/Itália). A exposição divide-se em seis eixos: Ninharias, Persona Hacker, Plantando Escuta, Cartografia da Voz, Corpo-Espaço e Incorporare. Cada subdivisão apresenta uma proposta sensorial/emocional distinta. Com curadoria de Patricia Brito, Priscila Costa e Zaika dos Santos, a Bienal Black age na coleta e difusão sobre arte com foco na produção de artistas feministas. Todas as atividades são virtuais, gratuitas e podem ser acessadas no site bienalblack.com.br.

Revista Crítica de Cinemas Africanos

A Mostra de Cinemas Africanos lançou a publicação eletrônica Revista Crítica de Cinemas Africanos. Para sua estreia foram reunidos cerca de 20 textos, entre críticas, ensaios e perfis, além de traduções para o português de publicações especializadas. O site também recupera entrevistas em vídeo feitas com cineastas africanos realizadas dentro da Mostra. A compilação de textos revela a diversidade de estéticas, narrativas e estilos dos filmes africanos, tanto clássicos quanto contemporâneos. Muitos dos títulos analisados foram exibidos pela Mostra de Cinemas Africanos, como o ugandês "A Garota do Moletom Amarelo", o nigeriano "Juju Stories", e os quenianos "Softie" e "Supa Modo". Outros longas disponíveis no Brasil, como o franco-senegalês "Atlantique" e o angolano "Ar-Condicionado", também aparecem nas críticas. Filmes já considerados clássicos, como "África no Sena" e "Touki Bouki" também ganham destaque. O trabalho pode ser conferido em cinemasafricanos.com.br.

Revista Crítica de Cinemas Africanos - Kibuuka Mukisa
Crédito: Léia Tavares

Despedida de gigante

O cantor e compositor Milton Nascimento se prepara para a sua turnê de despedidas dos palcos. Com uma trajetória que completa 60 de anos de carreira e oitenta de vida, no vídeo de divulgação da turnê intitulada "A última sessão da música" destaca que esta será uma despedida dos palcos, mas não da música. A turnê de Bituca começa no Rio de Janeiro no dia 11 de junho, segue para Europa, Estados Unidos e termina no estádio do Mineirão em 13 de novembro. "Eu jamais poderia encerrar essa parte da minha vida de tantos anos na estrada sem homenagear aqueles que me acompanham esse tempo todo: os fãs. E essa turnê foi pensada especialmente pra vocês" -, explica Milton. Após quarenta e três discos gravados, cinco prêmios Grammy e o título de Doutor Honoris Causa em música pela Universidade de Berklee, em Boston, Milton se prepara agora para cantar seus maiores sucessos com um setlist que promete passar por todas as fases de sua carreira. Todas as informações estão disponíveis no site www.aultimasessaodemusica.com.

Foto: Marcos Hermes

Afromineiridades

Festa de Nossa Senhora do Rosário
Raposos, Minas Gerais
Crédito: Acervo SETUR MG
Consuelo de Abreu

Iniciativa lançada pela Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (Secult) e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha), "Afromineiridades – Programa de Proteção da Cultura Afro em Minas Gerais" visa compreender e reconhecer a complexidade das contribuições dos grupos de matriz africana que formam as culturas mineiras. A partir do programa, o estado propõe uma série de eventos, debates e interações com lideranças políticas, intelectuais negros, comunidades quilombolas e povos de terreiro visando criar caminhos para melhor entendimento dos conhecimentos afromineiros que trazem especificidades em relação aos saberes especializados, manifestações culturais, cosmovisões e modos de vida específicos. O programa se divide nos eixos temáticos: o inventário dos povos de terreiro de Minas Gerais e o reconhecimento dos congados e dos quilombos em contexto urbano como Patrimônio Cultural do Estado. As discussões e reflexões se desdobrarão em quatro ações, realizadas de março e junho de 2022, para escuta e diálogo com mestres e mestras das culturas provenientes da ancestralidade africana de modo a balizar e criar novos caminhos para as ações de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural de Minas Gerais.

Foto: divulgação

Família de Rua

A Família de Rua (FDR) completa, em 2022, 15 anos de história. O coletivo promove arte e cultura urbana em seus diversos segmentos, desde 2007, quando iniciou uma das suas principais iniciativas, o Duelo de MC's. Responsável por revelar vozes que ganharam destaque no cenário nacional, as batalhas de rap organizadas no Viaduto Santa Tereza, Região Centro-Sul de BH, ficaram suspensas desde 2020, em função da pandemia de covid-19, e estão sendo retomadas neste ano, voltando a ocupar o Centro da capital mineira. Em maio de 2022, uma edição especial marcou este retorno, no Sula, e a próxima edição prevista para o dia 12 de junho. O coletivo ganhou notoriedade com os anos por contribuir na formação e visibilidade de novos artistas do Hip Hop em Belo Horizonte e no Brasil, já que também realiza o Duelo Nacional, que promove disputas entre rappers de todo o país. A relevância do coletivo foi reconhecida pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, em março, quando um de seus fundadores, Pedro Valentim, recebeu a condecoração de honra ao mérito do vereador Pedro Patrus (PT), nas celebrações de 100 anos da Semana de Arte Moderna.

Foto: Paulo Lacerda

Ópera Mineira

Sucesso de crítica, a ópera ALEIJADINHO teve estreia marcante em Ouro Preto, com encenação ao ar livre, em Ouro Preto - antiga Vila Rica, onde nasceu e viveu Aleijadinho. Em seguida foi a vez de ocupar o palco do Palácio das Artes, na capital mineira. A peça conta a história de vida do Mestre Antônio Francisco Lisboa, reconhecido internacionalmente como referência do Barroco Mineiro, cujas obras podem ser vistas em diferentes cidades do Estado, especialmente em Ouro Preto e Congonhas. A ópera é a nonagésima (90ª) produção operística da Fundação Clóvis Salgado produção operística da Fundação Clóvis Salgado. A montagem integra a programação do Ano da Mineiridade, projeto criado para celebrar os elementos que compõem a assinatura mineira, com suas tradições, costumes e histórias. A direção cênica e concepção foi assinada por Julianna Santos, enquanto a coreografia é da artista mineira Junia Bertolino. A montagem conta com as participações da Orquestra Sinfônica e do Coral Lírico de Minas Gerais, da Cia. de Dança Palácio das Artes, e dos Solistas convidados Johnny França (Aleijadinho); Mar Oliveira (Manuel Francisco); Guilherme Moreira (Tomás Antônio Gonzaga); Pedro Vianna (Alvarenga Peixoto); Lício Bruno (Lobo de Mesquita); Luanda Siqueira (Joana) e Mauro Chantal (Vicente Ferreira).

Foto: divulgação

De Feira de Santana para o Brasil

A cantora e compositora baiana de Feira de Santana, Rachel Reis, tem se destacado entre as revelações da música autoral brasileira. Com um ritmo que mistura a MPB, o arrocha e o pagode baiano, a artista traz personalidade ao produzir uma música pop tropical carregada de influências brasileiras. O hit "Maresia", produzido por Cuper e Zamba, com participação de Fredinho, o Louco, viralizou entrando em mais de dez mil playlists no Spotify. A canção já soma mais de 3 milhões de plays e figurou diversas vezes no Top Viral Brasil. Em maio, a música ganhou um clipe dirigido por Maria Mango, da Marias Produtora, e Bruno Zambelli que pode ser visto no canal de Youtube da artista.

niari
COSMÉTICOS

Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

*Livre de parabenos e petrolato

#AfroLivre

www.niaricosmeticos.com.br